



O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS:

Em busca de um consenso teórico.

THE MOVEMENT OF BLACK WOMEN:

In search of a theoretical consensus

Sabyna Pohema Soares De Lima
Universidade Federal Do Piauí(UFPI)
Maria Clara Teresa Fernandes Silveira
Universidade Federal Do Piauí(UFPI)

*“Quando a mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade
se movimenta com ela.”*
Angela Davis

RESUMO:

Este artigo visa apresentar as diferentes perspectivas analíticas da movimentação das mulheres negras, enquanto segmento relevante às discussões de gênero. Coloca-se em evidência a análise de três autoras estudadas na pesquisa que se desenvolveu no Programa de Educação Tutorial – PET, a saber, Edna Roland, Heleith Safiotti e Raquel Barreto.

Palavras – chave: Mulheres negras; discussão teórica; movimento social.

ABSTRACT:

This article aims to present the different analytical perspectives of the movement of black women as a segment relevant to the gender discussions, highlighting the analysis of three authors studied in the research that was developed in the Tutorial Education Program – PET, namely, Edna Roland, Heleith Safiotti and Raquel Barreto.

Keywords: Black women; theoretical discussion; social movement.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva apresentar o movimento de mulheres negras como sendo um segmento que necessariamente se expandiu e desenvolveu-se separadamente de outras camadas de movimentos populares, colocando as reflexões de diferentes autoras da temática motivando um diálogo entre estas. Relembrando que, embora não haja propriamente um consenso entre essas, há uma grande contribuição para a temática vinda dessas mulheres.



Tais contribuições foram resultado de uma pesquisa de cunho bibliográfico, vinculada ao PET Serviço Social¹ da Universidade Federal do Piauí, uma contribuição do grupo de trabalho 3, “Problematizando as relações sociais: questões étnicas”.

É relevante a esse estudo compreender as diferenças provocadas pelos recortes de gênero, raça e classe provocados pela nossa sociedade, e como ele afeta de maneira distinta cada setor e revela diferentes expressões da questão social, bem como as diferentes maneiras de portar-se enquanto movimentos sociais.

Devemos considerar que há um histórico conflito de classes que abarca também o critério racial, que afeta diferentemente mulheres negras periféricas de baixa renda, e mulheres brancas de classe média, é visível e histórico, podemos assinalar como exemplo dessa colocação a discussão feita por Angela Davis no livro *Mulher Raça e classe* (1982) que traz em partes o debate:

Racismo e sexismo frequentemente convergem – e a condição das trabalhadoras brancas eram frequentemente amarradas à classe das mulheres negras. Desta maneira os salários recebidos pelas mulheres brancas domésticas eram sempre fixados pelo critério racista usado para calcular os salários das criadas negras. As mulheres imigrantes forçadas a aceitar trabalho doméstico ganhavam mais um pouco que as suas colegas negras. Desde que o seu salário potencial era considerado, elas estavam mais próximas das suas irmãs negras do que dos seus irmãos brancos que trabalhavam para viver.

Se as mulheres brancas aceitavam o trabalho doméstico, apenas se não encontrassem nada melhor, as mulheres negras estavam aprisionadas nessa ocupação até ao advento da II Guerra Mundial. Mesmo em 1940, elas estavam em mercados de esquina em New York e outras cidades grandes – versões modernas do leilão da escravidão – convidando mulheres brancas a tirá-las das multidões de mulheres negras à procura de trabalho. (DAVIS, 1982 p. 49)

Tal colocação de Davis é o ponto de partida teórico das discussões acerca das temáticas esboçadas pelas autoras, consideradas ao longo da pesquisa.

2 A HISTÓRIA DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS: Roland e o movimento organizado no Brasil.

Para tratar a inserção das mulheres negras nos movimentos, Edna Roland (2000) traz como marcos à definição dos atores no período posterior a ditadura militar, o movimento de mulheres havia até então conquistado espaço, tanto nas eleições estaduais para São Paulo em

¹ A proposta de serviço do PET Serviço Social é a utilização da Pedagogia da autonomia (Paulo Freire) associada à pedagogia da problematização (O arco de Maguerez) para executar as atividades nos eixos de ensino, pesquisa e extensão.



1982, tendo se comprometido com a participação dos diferentes setores da sociedade civil. Assim, no ano de 1993 foram nomeadas cerca de trinta mulheres para compor o Conselho Estadual da Condição Feminina – CECF, que inspirou os demais conselhos de direitos das mulheres nos outros estados Brasileiros. Tal discussão é relevante por um único ponto, dessas trinta mulheres nenhuma era negra.

Os fatos que sucederam tal atitude impulsionaram a criação do Coletivo De Mulheres Negras de São Paulo e a nomeação de duas mulheres para compor o CEFC, e embora esse não tenha sido o primeiro movimento de mulheres negras na história brasileira em que se tem registro, há um peso deveras emblemático na criação do coletivo, por quatro grandes razões apontadas por Roland. A primeira é que o coletivo foi criado por mulheres oriundas do movimento negro; a segunda é, que embora a mobilização exista no campo das relações de gênero houve um grande peso da discriminação racial; em terceiro, as mulheres negras abriram com nesse momento uma relação de diálogo com o Estado antes que as representações majoritariamente masculinas; e por fim, a clareza de tensão entre o movimento feminista a princípio, e a evolução para uma postura paternalista.

Esse coletivo articulou-se, de tal maneira, que em 1984 ocorreu o 1º Encontro Estadual de mulheres Negras, reunido em torno de 450 pessoas entre paulistas e mulheres oriundas de outros estados. Nesse espaço foram apresentados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, acerca da escolarização, os diferenciais de renda e educação entre homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras colocando em uma atitude pioneira cada uma dessas categorias de maneira separada (ROLAND, 2000).

Tal atitude tornou visível a segmentação nos espaços sejam em critérios de raça como gênero, sendo crucial para expor para homens negros e mulheres brancas que a realidade das mulheres negras de fato era distinta e ambos os movimentos (negro e de mulheres) precisava abarcar as necessidades dessas.

Em dezembro de 1988 ocorreu o primeiro desses encontros de nível nacional, marcando o surgimento de diversos movimentos e grupos de mulheres negras em todo o país, motivando as discussões que trabalhem as necessidades das mulheres negras nos diferentes espaços. Cabem aqui destaques para a conferência de Beijing, e os preparativos para ela, que se iniciaram ainda em 1995 na Conferência Nacional Para Mulheres Negras e como conquista a referência à temática racial passou a ser incorporada tanto na declaração de mulheres brasileiras, como o reconhecimento da discriminação racial enquanto grave problema que atinge parte das mulheres do mundo.



Não podemos ignorar que, em grande parte das mulheres que passam a compor o movimento de mulheres, vem de outros movimentos, sejam esses sindicais, de bairro, e em grande parte do movimento negro, ou seja, dificilmente a motivação inicial é relacionada às questões de gênero, o que segundo Roland (2000) acaba a por firmar o movimento como algo paradoxal em que ganha visibilidade, mas perde o respaldo nas discussões de nível político substancial, pelas fragmentações do próprio movimento.

Existe, para a autora, uma necessidade de manter visível a manifestação dessas mulheres para que o Movimento de Mulheres Negras não acabe por ser sufocado pelas pressões das articulações políticas externas, ela diz:

A diversidade é riqueza; sufocara expressão de um novo agente político em nada engrandece os nossos aliados naturais, que dessa forma estariam apenas demonstrando que lamentavelmente reproduzem o pensamento totalitário, etnocêntrico e patriarcal de que também são vítimas. (ROLAND, 2000 p. 254)

Sendo assim a autora apresenta a organização da mulheres negras enquanto movimento próprio, em vez de uma parcela de movimento a ou b, podendo proporcionar autonomia de reivindicações, e a possibilidade de provocar a discussão com um tema que não é secundário. As relações de intersecção dos diferentes movimentos provocam também resultados diferentes e fragmentações diferentes, e referindo-se ao movimento negro com o movimento feminista ela diz que mesmo que haja tentativas de articulação mais frequentes, há ainda uma interferência dos interesses políticos que atravessam cada um dos movimentos.

3 A SIMBIOSE, RAÇA, CLASSE E GÊNERO: Safiotti e a compreensão sócio-histórica da dominação masculina.

Quando falamos a respeito de mulheres, e seja enquanto categoria gênero, seja como seres políticos, não podemos desconsiderar o processo sócio-histórico de discriminação e naturalização dessa para com gênero feminino. Podemos considerar esse processo como sendo sociocultural e a partir do momento que é despendido tempo para que haja a compreensão desse processo é que pode-se falar em avanços no que tange a mistificação das discriminações para com o feminino, assim como coloca Safiotti (1987):

A identidade social da mulher, assim com a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridas pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita com bastante precisão os campos em que



pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFIOTTI, 1987, p.8 §2.)

Safiotti (1987) comenta que a história social registrada é sempre pautada pelo ponto de vista masculino, segundo a autora há uma grande necessidade de resgatar a participação das mulheres na produção material e simbólica de muitas sociedades. Esse esforço tem sido visível nas expressões seguintes da autora:

A grande participação política das brasileiras tem-se dado nos movimentos sociais associações de mães, movimento contra a carestia, luta por creches, movimento feminino pela anistia e etc. convém lembrar que o espaço de luta desses movimentos não é da política institucional isto é, estes movimentos ocorrem fora do espaço parlamentar, fora do espaço dos partidos políticos. Trata-se de lutas travadas em torno de certas reivindicações que seus militantes esperam ver atendidas pelo poder municipal, estadual ou federal; ou ainda pelo empresário privado. (SAFIOTTI 1987, p. 48)

A autora já citada também menciona a relação direta presente entre o mito da democracia racial no Brasil, colocando os negros como um grupo social com menos oportunidades onde os preconceitos acabam por exercer ainda maior peso:

Diz-se, a boca miúda, que no Brasil ha democracia racial. Nada seria mais inverídico do que esta afirmação. Basta examinar as estatísticas para se verificar que os negros estão nas ocupações menos prestigiadas e mais mal remuneradas, que apresentam graus baixos de escolaridade, que não participam do poder político. Existem clubes que não admitem negros como seus filiados. Ha restaurantes que não aceitam servir negros, barrando-os esperar indefinidamente a mesa. Na porta ou fazendo-os II"• Alguns ditos populares expressam eloquentemente o preconceito de que e alvo o negro brasileiro: "Negro, quando não suja na entrada, suja na sacada"; "A situação esta negra"; "Ele é um negro de alma branca". Mesmo pessoas que se dizem não-preconceituosas negar-se-iam a contrair matrimonio com pessoa de cor. (SAFIOTTI 1987, p.51§4,5)

E nessa relação a mulher negra é apresentada como a remanescente, a última colocada, duplamente discriminada: como mulher e como negra. Quando falamos de identidade socialmente construída não podemos esquecer que ela se difere entre os segmentos de mulheres, não podemos ignorar que haja peculiaridades entre a identidade feminina branca, e negra, ou mesmo entre a identidade feminina que compõe classes sociais mais elevadas e a identidade da mulher trabalhadora, uma vez que, segundo a já citada autora, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial.

Temos um contexto de sociedade em que mulheres, sobretudo, as mulheres negras (e pobres) sofrem mais riscos enquanto vulneráveis socialmente, e tal contexto afeta inclusive as



relações de trabalho, as lutas enquanto classe trabalhadora e a participação nos movimentos sindicais, como ela bem coloca:

Na "ordem das bicadas" neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual. Sugere-se ao leitor que preste atenção na publicidade de produtos de limpeza na televisão. Geralmente, o produto é recomendado a patroa branca por uma empregada negra. Nas novelas, nas peças de teatro, as empregadas domésticas são, quase sempre, representadas por atrizes negras. (SAFIOTTI, 1987, p.52§3)

A simbiose definida pela autora passa a ser expressa na nossa sociedade nos sistemas de dominação expostos diariamente:

As classes dominantes usufruem da simbiose dos três sistemas de dominação-exploração, na medida em que esta simbiose consolida o poder do macho branco e adulto. As mulheres das classes privilegiadas e dado o direito de usufruir da riqueza que possuem, riqueza esta amealhada graças à exploração das classes trabalhadoras em geral, e especificamente da mais intensa exploração de mulheres e negros destas camadas. Mais do que isto, a burguesia formula normas de conduta através das quais subordina os trabalhadores, mas não se submete a elas. Esta é uma verdade válida para todos os campos da vida humilhada, dela não escapando o terreno sexual. (SAFIOTTI 1987, p64§1)

Segundo a autora, a organização do movimento de forma mais coletiva e não fragmentada, é o ponto de partida para muitas das reivindicações em questão de efetivação de direitos, e mesmo que iniciativas mais individuais ou isoladas pareçam compor espaços diferentes, a importância e visibilidade das mulheres que os protagonizam como ponto relevante. Tal colocação a distancia de muitas autoras que trabalham a temática como veremos a seguir com a análise apresentada por Barreto.

4 AS EXPRESSÕES DO MOVIMENTO: Barreto e as diferentes fragmentações das reivindicações feministas.

É necessário fazer a discussão das relações de gênero e a própria movimentação de mulheres no Brasil, levando em consideração a historicidade do movimento seja ele enquanto movimento geral, bem como suas particularidades, e fragmentações.

A inserção das negras nos movimentos de mulheres, seja por direitos, nas lutas abolicionistas, e mesmo nas lutas de conquistas de direitos, em grande parte foram protagonizadas por mulheres brancas. Assim, há uma clara distinção da forma como as



mulheres são inseridas e vivenciam o movimento de ambos os lados. No Brasil o caminho de movimentação dessas mulheres esteve em rumos distintos, comparado ao resto do mundo, Barreto² (2005), coloca de maneira clara tal distinção:

Marcando as diferenças, os movimentos negros e de mulheres surgiam na década de 70, durante a ditadura militar, com pautas de reivindicações políticas que pontuavam as opressões de raça e sexo, para além da dominação de classe. Contudo, houve uma maior aceitação, pela sociedade, da discussão da questão da mulher do que da do negro, em consequência das origens de classe e de raça do movimento feminista. (BARRETO, 2005 p. 51)

Levando em consideração tais argumentos, podemos identificar que há uma clara diferença na inserção de mulheres negras e mulheres brancas no movimento de mulheres³, seja em critério de ação, seja por critério de vivência. A forma como o movimento abarcava diferentes reivindicações, marcou, para a autora, a maneira como foi tratada a temática para essas mulheres como exposto no seguinte trecho:

Uma outra questão clássica do movimento feminista dos anos 60 e 70 era o debate a respeito do corpo e da sexualidade, resumido na afirmação: “o meu corpo me pertence”. Contudo, para as mulheres negras, o tema era visto de uma outra forma. Para elas, a questão não se encerrava na propriedade individual desse corpo. Lembravam das marcas inscritas nesse corpo: sexualização; racialização, punição e para além dessas questões históricas, o redor a esse corpo era lembrado, a necessidade desse mesmo corpo comer bem, vestir-se, entre outras coisas. (BARRETO, 2005 p. 53)

Como dito por Barreto, no fim de sua dissertação, há uma necessidade de haver um diálogo entre as autoras que trabalham a temática, uma vez que há diversos obstáculos para a organização de mulheres, sejam em perspectivas de autonomia, sejam em critérios de lutas pela efetivação dos direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata somente de uma colocação de teorias acerca de uma temática, mas expor como discussão relevante, a organização de um segmento social que se articula e reivindica direitos, levando em conta mais que apenas o critério de gênero, como antes colocado por Safiotti (1987) se trata de um coletivo segregado duplamente, seja por serem mulheres, seja

² A dissertação de mestrado de Barreto, compara a trajetória política e militante de duas referências do movimento Negro Lélia Gonzalez e Angela Davis.

³ A autora também inclui as mulheres indígenas na discussão, porém optamos por manter o foco nas mulheres negras.



por serem negras, e como estas entre si estabelecem um projeto coletivo para a sociedade, como é dito por Rodrigues e Prado:

Ao reivindicarem sua integração na sociedade enquanto sujeitos coletivos de direitos, as mulheres negras se orientam em torno de um sentimento de NÓS que é construído tanto por compartilharem a mesma categorização social e pela elaboração de elementos passados (história comum de opressão, linguagem, religião) quanto por estabelecerem um projeto coletivo de futuro para si e para a sociedade como um todo (Melucci, 1996). A identidade coletiva, nesses termos, também estabelece um conflito com um adversário, um ELES, politizando, assim, os espaços de lutas sociais para a transformação das relações de opressão em princípios de justiça e solidariedade. (RODRIGES C.S, PRADO M.A.M. 2010 p.11)

Conclui-se que são lutas de afirmação de identidade, para além do que lhes foi negado, trata-se do reconhecimento desse fato e também da lembrança constante de que democracia racial não passa de um grande mito, e que somente a luta organizada é capaz de modificar a real.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Raquel de Andrade: “**Enegrecendo o feminismo**” ou “**Feminizando a raça**”: **narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzáles** / Raquel de Andrade Barreto ; orientador: Marco Antonio Villela Pamplona. – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de História, 2005.

DAVIS, A. **Mulher, Raça e Classe**; 1ª publicação na Grã Bretanha pela The Women’s Press, Ltda. Em 1982 Tradução Livre. Plataforma Gueto_2013

ROLAND, E. (2000). O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In A. S. A. Guimarães & L. Huntley (Orgs), **tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil** (pp. 237-256). São Paulo: Paz e Terra.

RODRIGUES, C.S PRADO M.A.M. (2010) **Movimento De Mulheres Negras: Trajetória Política, Práticas Mobilizatórias E Articulações Com O Estado Brasileiro**, *Psicologia & Sociedade*; 22 (3): 445-456, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovanni (1979) **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovanni (1987) **O Poder do macho**. São Paulo, Ed. Moderna. (Coleção Polêmica)